

“URBI ET ORBI” – CRIAR MUNDOS A PARTIR DOS LUGARES

por

Hugo Monteiro*

Resumo: Hoje, quando massificação e leis de mercado parecem poder invadir/vigiar os mais íntimos redutos dos seres, urge preservar a Singularidade como direito – como uma bênção proferida *Urbi et Orbi*. O presente artigo apresenta-se como um conjunto de notas à margem de uma leitura de Jean-Luc Nancy.

Palavas-chave: Leveza; ventriloquismo; singularidade.

Abstract: Today, generalized mass production and market laws invade private intimacy. The singularity of each subject must be preserved as a fundamental right. This paper is based in a series of notes around Jean-Luc Nancy's writings.

Key-words: Lightness; ventriloquism; singularity.

Abertura

Tomar palavra, detê-la na sua realidade fluente e endereçá-la para lá de uma fronteira em que previsão ou antecipação impõem as coordenadas da sua precisa arquitectura é já um desígnio urbano, político no mais arqui-originário sentido da palavra Polis, e, como tal, cultural, no sentido mais convival da palavra cultura. Mas *urbi et orbi*, a palavra indiferencia-se. Não apenas a palavra *cultura*, mas todo o espaço da palavra, todo o tempo do dizer da palavra como todos os saberes de que se veste o seu emprego – todo o espaço é móvel, como móvel é a indeterminável topologia do seu direccionamento. Hoje, mais do que nunca, esta mobilidade cul-

* Departamento de Ciências da Educação da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.
E-mail: hugomonteiro@ese.ipp.pt

tural está posta em questão (quanto mais não seja pelos recursos tecnológicos, cada vez mais meios de transmissão e contágio cultural, na facilidade com que se dão a todos e a qualquer um, do lugar do um para a imensidão plural e instantânea de todos, *urbi et orbi*). Palavra de cultura e cultura da palavra (fora de esquemas retóricos ou artificiosos exercícios de pequena política) são, menos do que lugares determináveis ou pacientemente esperançosos de exterior determinação, *espaços de errância*.

Na movente voz do seu dis-curso, a palavra, toda a palavra que *ouse* – se quisermos socorrer-nos de uma terminologia marcadamente iluminista, no sentido mais kantiano do termo – assumir a plena dimensão da sua responsabilidade, cria mundos no mundo. A palavra é criação, como criativo é todo o terreno da cultura digno desse nome. Desde um posicionamento no mundo que, dizendo-se, se reveste da mais imponderada mobilidade, a palavra abre espaço a um outro habitar: do mundo, da mobilidade do seu mundo, a palavra abre a realidade cursiva de todos os mundos, e dirige-se para todo o mundo, *Urbi et Orbi*.

Urbi et Orbi é, além da extensa formulação da bênção papal, o pensativo título de uma conferência de Jean-Luc Nancy, escrito inicial de um livro – *La création du monde ou la mondialisation* (Nancy, 2002) – que se posiciona face à emergência combinatória da ideia de *Criação*, de *Criação de um mundo* ou dos muitos mundos que o compõem e da sua *conjunção*, *substituição* ou *disjunção* relativamente ao que se convencionou designar por *mundialização*, na problematização de um termo alternativo ao sentido técnico e económico do que se entende por *globalização* (Idem: pgs. 8, 9).

Tal escrito inspira esta breve reflexão que, não ambicionando abarcar uma tão impossível quanto indesejável análise da obra de Nancy, pretende ser uma leve e breve promessa de leituras mais vastas, um conjunto de notas à margem da leitura, uma deriva imprópria ou uma não-tradução.

Uma leveza móvel

Na palavra “leveza”, em todo o seu poder conotativo, reina uma malícia evidente.

Leve é o que não oferece resistência ao transporte, oferecendo-se na sua fácil locomoção à tracção de qualquer força e em qualquer circunstância. Oferece-se ao portador da leveza uma facilidade sem esforço, sem herança (que se diz, no vocabulário corrente, *pesada*) e sem dote. Quanto mais leve mais portátil, mais transportável, brandindo-se compreensivelmente a leveza como qualidade comercial do computador portátil, do telefone móvel, do conforto proporcionado pela tecnologia que para toda a parte se transporta e se deixa transportar. A leveza transforma-se numa qualidade

quotidiana, numa sedução aposta ao imediato do tempo, que exige, sempre e cada vez mais, na vertigem leve da tele-tecnologia, a acção da solução instantânea, a resposta do *prêt-à-porter* – pronto a transportar – leve, pois.

Quando falamos de uma cultura "leve" – se nos é permitido o transporte da palavra *light* para a língua portuguesa, numa leveza de tradução ainda não garantida – estabelecemos uma quase cega hierarquia, escalonando a cultura e os seus múltiplos mundos numa quase aristotélica disposição cosmológica. Mas *light*, esta palavra que transporta uma categorização cultural, deixa, na sua simultânea facilidade de tradução e resistência à tradução, um desafio adicional à palavra, à cultura que a pensa. A palavra *light* figura, certamente, no conjunto de palavras que forma o léxico uniformizador da língua globalizada, em que a palavra-utensílio triunfa sobre todo o chão cultural que a origina e de onde provém. A palavra *light*, corrente nos produtos de consumo que pululam nos escaparates das grandes superfícies, caracteriza também uma cultura – cultura *light*, como o iogurte ou o refrigerante – caracterizando-se no mesmo lance com que é afirmada. Na rapidez com que aparece, com que se insinua na língua de muitos mundos, na sua leveza hiper-transportável, a palavra *light* indicia, no jogo cultural, o perfil monológico do rápido consumo

Esta leveza é pesadamente envolvente, ao revelar uma cultura franca e sem fronteiras, onde uma suposta e aparente democraticidade de pleno acesso à coisa cultural apenas encobre o verdadeiro móbil da sua mobilidade: um registo em que apenas uma simplificada superfície, em sempre violenta simplificação homogeneizante, triunfa sobre o homem e sobre os mundos do seu mundo.

A estranha condição do ventríloquo

Nas telas de cinema ou em palcos de teatro, a cena que passamos a descrever é, com díspares variações, de comum e vulgar recorrência. Ela serve aqui como terreno alegórico de uma certa cultura de leveza aparentemente capaz de osmose imediata, mas sem o peso do passado, da herança dos homens em cada homem, na sua inegociável e intransferível singularidade. Essa mesma singularidade, agredida e mutilada pelos múltiplos artificios de uma globalização massificadora.

O ventríloquo fala de boca fechada, transferindo a voz para um boneco que o acompanha. O espectáculo gere-se nesta transferência de capacidades humanas para esse duplo do artista, que quanto mais se personifica mais confere estatuto de artista ao dono da sua voz. E tudo se joga nessa diferença: o fantoche vai mexendo a mandíbula articulada, contrastando com o ventríloquo, de boca tão fechada quanto o permitir a mestria da sua condição. Entre o ventríloquo e o boneco há o intervalo entre um silêncio disciplinado e treinado e a autonomia de uma voz que fala, tantas

vezes em encenada revelia e contradição. Aqui, o boneco passa a afirmar o que o dono da sua voz jamais afirmaria, em plena e total identificação projectiva. Obedecendo ao ditado imposto pelo estado de alma de quem o faz falar, o boneco reproduz, tendo de seu apenas o movimento de boca que lhe imputa o som da palavra dita e proferida.

Quanto mais, nesta insólita cena de metamorfose, ventríloquo e fantoche se contrastam, se digladiam, mais é sentido o efeito do espectáculo, sempre assente numa reprodução monologicamente sustentada: apenas um mundo envolve homem e boneco, sendo que toda a “personalidade” da inumana figura tem por sustentação o homem que, de boca fechada, dá voz e alma ao boneco que o identifica.

Apaga-se o homem para se reacender pela boca articulada do fantoche. Quanto mais leve o homem aparece, mais o boneco usufrui dessa transferência, pleno espelhamento de quem pensa por si e a quem empresta os fios articulados que formam todo o seu corpo. Light – curiosamente também *luz* em língua inglesa –, é adjectivo adequado para um homem apagado, sem luz mas imbuído da leveza necessária para produzir esse efeito de espelho.

A alegoria talvez se torne mais evidente quando denunciemos um dos fantasmas mais cinematograficamente explorados na figura do ventríloquo: a progressiva dominação do boneco face ao homem até à anulação da sua existência, num imaginário devedor (se bem que em evidente formato light) a algumas narrativas mítico-religiosas.

Aterrorizados, vamos assistindo a uma persistente encenação ventríloqua que vai alastrando aos espaços formais e não formais de produção de saberes e de cultura, assim subjugados à leveza de uma palavra hiper-transferível, simplificada e simplificadora. O seu jogo volátil empresta uma voz única aos espaços da cidade, vigiando a estranheza e penalizando a diferença.

Exclusiva e pobre, esta palavra reprodutora *não cria mundos*.

Da pluralidade dos mundos

Urbi. Da cidade e a partir da cidade. Já não da cidade no sentido clássico da dominação modelar de uma só Cidade – como Atenas ou Roma na época clássica, ou sequer, actualmente, como um tão afectado coração de Nova Iorque – mas, como escreve Nancy, a cidade que estende até ao limite os fios lassos do seu tecido urbano, recobrando toda a orbe do planeta. Nesta nova urbanidade “estendem-se e destacam-se as multidões das cidades, as acumulações hiperbólicas de construções (em paralelo com as destruições) e de mediadores [“d’échangeurs”] (de movimentos, de mercadorias, de informações), e acumulam-se proporcionalmente as clivagens e os apartheids no acesso à coisa urbana (supondo que ela seja habitat, conforto,

cultura), ou suas exclusões da cidade que, desde há longo tempo esta suscitou como suas rejeições ou dejeições” (Nancy 2002: p. 14).

Ser contaminante, pois, esta nova urbe, alastrando ao ritmo do crescente poder tecno-científico que, aparecendo na sua mera instrumentalidade, se dá como lugar exclusivo de expressão, de visibilidade sem sombra e sem luto, dividindo cruamente os cidadãos em novas e decisivas formas de exclusão e desigualdade. Quando uma apropriação “light” das “luzes” tecnológicas se recria na trama cidadina, à margem da densidade dos saberes e da singularidade de cada um face aos saberes, é a própria cidade como espaço de interação, de património, de intersubjectividade que se transforma, vertida em espaço vigiado e de vigilância, rendida ao poder normalizador e massificador da cultura e do seu *contágio*.

Enleados no novelo poético da sua herança, só poeticamente se experiencia, em singular responsabilidade, os percursos citadinos, nos seus espaços e fluências infinitas. A cidade é, por natureza, *poética* (Ansary, Pierre; Schoonbrodt, René, 1989: p. 33).

Quando Jean-Luc Nancy assinala que um mundo, a *unidade do mundo*, é tecida numa diversidade de mundos, numa unidade entretecida pela “partilha e exposição mútua no mundo de todos estes mundos” (Nancy 2002: p. 173) afirma, para lá do próprio mundo, a incondicional singularidade da cada um em cada um.

A cidade, as cidades – sejam elas as florestas urbanas onde cada vez mais habitamos, sejam elas os mundos de cada um em cada um, o mundo singular que não abdica dessa resguardada singularidade – são poliedros não sintetizáveis, riquezas não absorvíveis que pesam por sobre os ombros de quem as habita, frequente, de quem nelas se demora. O cidadão é singularmente responsável por esta herança, que por sobre si impende e do qual não pode ter sequer consciência clara, cidadão assim apelado na sua singularidade irredutível, no luto singular perante o qual é insubstituível, único testemunho que por todos responde, só por si respondendo.

É preciso *traduzir* esta herança longínqua, que pesa, impende sobre os ombros do singular, ele próprio obrigado a singularmente *traduzir, transportar*, desde a lonjura do Outro absoluto. É preciso traduzir dissimetricamente, fazendo desde logo a experiência impossível, pesadamente impossível, do transporte que, de um mundo a outro, executa esta arriscada mas necessária experiência da travessia – “a experiência (*experiri*) consiste em atravessar até ao extremo: um mundo atravessa-se de uma extremidade à outra, não faz outra coisa” (Nancy 2002: p. 37) – que está na imediata oposição à experiência metamorfoseante do ventríloquo. E posicionamo-nos, no móvel legado dos mundos e das culturas, como Eco face a Narciso, lidos no limiar desse livro imenso intitulado *Voyous* (Derrida, 2003 a). *Vem!*, clama Narciso, ao qual Eco responderá, numa resposta assimétrica e enlutada face ao dito inaugural e bem amado que escutou. Numa resposta em atraso, sempre em atraso em relação ao apelo que

a toca, Eco responderá – “*Vem!*” –, menos numa repetição do que numa declaração, única, sempre condenada a uma irreduzível desigualdade. Ela posiciona-se face ao apelo por vir, que afirma e resguarda em si mesma. (Derrida, 2003 a: pgs. 10, 11)

Nestes dissimétricos apelos, pluralidade ressoante no próprio acto de apelar, vive uma resistência a todo o acto de ventriloquismo, de leveza mimeticamente transportável e imediatamente assimilável. Eco apela à impossível vinda de Narciso, incapaz de outro clamor que não a inventiva, única, repetição do seu dito vindo de algures – do Outro absoluto que é sempre (o) Outro (do) mundo, inassimilável alteridade irreduzível ao próprio do Mundo. E contudo em vigilante compromisso face a tudo o que é *mundo* e *do mundo*.

Hoje, num desafio permanente ao *hoje* de todos os mundos, a tão propalada mundialização não contém, não pode conter senão por desrespeitador ventriloquismo, a totalidade tensionalmente una do Mundo, que, quando cria, promete um mundo em si mesmo prometido em toda a criação (cultural); hoje, “não há um mundo, unificado e dominável, e menos ainda um ‘mundo presente’: este mundo ‘por vir’, nenhuma ‘mundialização’ poderá ‘conter’, ‘compreender’, nem mesmo apreender o seu conceito” (Michaud, Ginette, 2004: p. 43).

Concluindo Urbi et Orbi

Aquando do doutoramento *honoris causa* que lhe foi outorgado pela Universidade de Coimbra, o filósofo Jacques Derrida, em plena Sala dos Capelos, na própria alma institucional desta universidade portuguesa, profere uma alocução fremente de desejo e necessidade de uma certa reinvenção dos saberes, hoje, quando a crise dos saberes é sentida e verificada *Urbi* (da Cidade universitária, como palco de eleição) *et Orbi* (para todos os lugares em que estes saberes se jogam, isto é, para todos os lados em que se joguem os destinos da humanidade). *Ouvindo* um “rumor inverificável” proveniente de uma longínqua mas nem por isso menos ressoante ancestralidade portuguesa, o filósofo lamenta o constrangimento que o obriga ao idioma francês, no momento em que gostaria de se endereçar à comunidade académica, nessa ocasião solenemente universitária, em língua portuguesa. Reside neste lamento um corajoso e impossível – Derrida confessa, a cada passo do seu pensamento, “não ter amado senão o impossível” (*apud* Bernardo, Fernanda, 2004: p. 325) – cometimento: a necessidade de “respeitar os idiomas, isto é, de resistir à homogeneização como à hegemonia, à homo-hegemonização linguística que se estende hoje ao mundo inteiro por todos os tipos de meios, de poderes capitalístico-técnicos, políticos e mediáticos” (Derrida, 2005: p. 40). Mas não resistimos, aqui e uma vez mais, ao acto da tradução, tanto uma loucura (Blanchot, Maurice 1971: p. 73), como uma “tarefa imperfeita”

(Derrida, 2003 b: p. 11), como uma "in-finita durabilidade do desejo" (Bernardo, Fernanda. 2002: p. 279). "Amemos o idioma – apela Derrida, que traduzimos uma vez mais – mas por isso mesmo também aprendamos a fidelidade ao idioma do outro e então a tradução" (Derrida, 2005: p. 41). Amor impossível da tradução, *apenas possível como impossível*, no ensinamento singular de Derrida. Mas justamente na tradução, experiência de travessia da singularidade de uma língua para a singularidade de outra língua, vive também o amor – como tal o culto e o cuidado da escuta – à preservação da sempre Outra singularidade do idioma, do outro mundo e da seu radical carácter insubstituível no mundo, o que obriga *resistência* ao domínio redutor de um ventriloquismo idiomático, político ou cultural, tarefa à qual a Escola, a Universidade, os lugares formais ou não-formais de criação, preservação e contágio dos saberes devem chamar responsabilmente a si.

Como Derrida desafiava, nessa manhã clara e em plena Sala dos Capelos, há que saber responder positivamente aos novos "poderes tele-tecno-mediáticos", considerando que não há nem nunca houve saberes que sem eles se sustentassem (Cf. Derrida 2005: p. 42); mas também e simultaneamente, numa "nova vigilância", numa "nova cultura crítica", resistir aos perigos que alastram perigosamente por sobre os mundos, com particular incidência no mundo dos saberes: "a simplificação acelerada, a manipulação, a homogeneização, a subserviência da investigação a cálculos de rentabilidade imediata" (Ibidem: p. 42)... Resistir, em suma, num desafio imenso e irredentista a todas as instâncias, instituições, comunidades de saber e de cultura, resistir ao perigo lançado pela "destruição da cultura literária ou literal, isto é, do livro e das 'humanidades', a violência contra o idioma ou mesmo a intrusão policial e, por vezes, pré-totalitária" (Ibidem: p. 42).

Caminhando, algo abruptamente, para o final desta nossa breve reflexão, observando novamente o seu título e a sua inserção, diríamos então ser necessário resistir ao domínio exclusivo da *cultura light*, repensando as suas coordenadas e chamando sempre a atenção para a permanente necessidade da cultura se repensar, *urbi et orbi*, desconfiando a cada passo do modo, por vezes demasiadamente fixista, com que se institui. Interrogar o lugar dos saberes é tarefa primeira do próprio lugar dos saberes, hoje, em que o desafio premente da democraticidade dos saberes coloca-os nova e radicalmente em jogo. *Dar mundos ao mundo* é, hoje mais do que nunca, desafio do sentido pleno da palavra Educação, na sua salvaguarda sempre vigilante dos saberes, o que inclui a sua permanente e democrática reinvenção não exclusiva. Do Museu, à Escola, à Universidade, passando pela riqueza patrimonial de uma cidade com memória, que passa por proporcionar um presente vivenciado dos cidadãos a essa mesma memória, é necessário abdicar dessa "vitrina muito iluminada" (Vd. Jorge, Vitor Oliveira, 2005: pp. 43-49) que é a cultura do escaparate elitista e da inacessibilidade dos saberes ao chão plural das cidades.

E do seu transporte. Não podemos esquecer que a transportabilidade da cultura, a travessia consubstancial ao próprio do seu mundo, é um desígnio de todos os tempos; deste tempo, particularmente. Hoje, mais do que nunca, o saber do lugar deve saber transportar-se para todos os lugares, pedindo resposta e sabendo herdar todos os mundos que o precedem, numa caminhada democrática que nada tem a ver com (antes, deve resistir à) volatilização dos saberes numa leveza pronto-a-vestir, sem legado ou densidade.

Porque, num “humanismo” hoje obrigatoriamente renovado, ecoam, ainda e sempre, as palavras de Sófocles:

*Inúmeras são do mundo as maravilhas,
Mas nenhuma que ao homem se compare*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSAY, PIERRE; SCHOONBRODT, RENÉ (coord) (1989). *Penser la Ville*, Bruxelles, AAM Ed..
- BERNARDO, FERNANDA (2002). “Traduções – Perversões da Justiça: de Heidegger a Derrida”, in: *Borges-Duarte, Irene (coord)*, Heidegger, linguagem e tradução, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002.
- BERNARDO, FERNANDA (2004). “Sim, Adeus, a Jacques Derrida”, *Separata de Revista Filosófica de Coimbra, nº 26, Porto, Fund. Eng. António de Almeida*.
- BLANCHOT, MAURICE (1971). *L’Amitié*. Gallimard, Paris.
- DERRIDA, JACQUES (2003a). *Voyous*, Ed. Galilée Paris.
- DERRIDA, JACQUES (2003b). *Força de Lei*, trad. portuguesa: Fernanda Bernardo, Campo das Letras, Porto.
- DERRIDA, JACQUES (2005). “*Allocution proferée à l’Université de Coimbra*”, in: *Bernardo, Fernanda (Coord)*, Derrida Em Coimbra, Palimage Editora, Viseu.
- JORGE, VÍTOR OLIVEIRA (2005). *Vitrinas Muito Iluminadas, Interpelações de um Arqueólogo à Realidade que o Rodeia*, Porto, Campo das Letras.
- MICHAUD, GINETTE (2004). “... Le Pouvoir de tout Dire et de Tout Cacher...”, *La Littérature en Democrisis*, in: *Mallet, Marie-Louise (coord)*, La démocratie à venir – Autour de Jacques Derrida, Ed. Galilée, Paris.
- NANCY, JEAN LUC (2002). *La création du monde ou la mondialisation*, Ed. Galilée, Paris.